

Interface entre homeopatia e biomedicina: o ponto de vista dos profissionais de saúde não homeopatas<sup>1</sup>

Sandra Abrahão Chaim Salles

## 1. Introdução

A homeopatia vive, no Brasil, um período de grande expectativa, pela perspectiva de ampliação de sua presença institucional, pois foi editada em maio deste ano, pelo Ministério da Saúde, portaria que aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, recomendando a implantação e implementação da assistência homeopática. Esse fato político segue uma longa história de busca de espaços institucionais por parte dos homeopatas e de oposições sistemáticas por parte da medicina hegemônica, embate que resultou em fases de maior expansão da homeopatia e outras de declínio significativo de sua presença no campo. Há muito se esperava uma política nacional que regulamentasse a implantação da homeopatia no SUS, que até o momento depende de iniciativas locais de homeopatas e simpatias de gerentes, e essa portaria pode ser percebida como um indicativo de que vivemos uma fase de maior reconhecimento da homeopatia como uma opção de assistência médica e também uma maior aproximação entre as duas medicinas.

Existe, há dois anos, uma residência médica em homeopatia, oferecida pela Unirio, mas o principal local de formação de homeopatas continua sendo os cursos de especialização em homeopatia, ministrados por cerca de vinte e duas entidades formadoras de todo o país, enquanto a maioria das faculdades de medicina não faz menção a esse saber. Configura-se uma situação em que a homeopatia pertence ao campo médico, mas embora ela seja reconhecida como uma especialidade médica, com uma prática e um saber próprios, ainda não é reconhecida como científica. Uma das estratégias de legitimação que os homeopatas utilizam será exatamente essa busca pela cientificidade. Ainda que muito acanhada, a maior presença de homeopatas envolvidos em atividades de ensino e pesquisa em faculdades de medicina também sinaliza uma relação mais estreita entre a Academia e a Homeopatia que ocorre como uma opção estratégia de setores da homeopatia que vêm nesse movimento um caminho para uma maior legitimação. Mesmo não sendo uma opção de todos os homeopatas, pois alguns continuam defendendo uma completa independência institucional, é possível constatar que predomina agora, no movimento homeopático, no lugar do confronto direto e da disposição à ruptura científica, a busca de uma proximidade colaboradora, ainda que cautelosa.

Observando esse movimento acreditamos ser relevante conhecer como tem se dado a articulação entre as duas medicinas, identificando as características desse movimento e os aspectos que o facilitam ou dificultam.

---

<sup>1</sup> Esta palestra foi construída com os dados obtidos na pesquisa realizada na Faculdade de Medicina da USP sobre a institucionalização da homeopatia. Ela contou com financiamento integral do projeto pela Fapesp e teve como pesquisador responsável a Profa Dra Lilia Blima Schraiber. Ela serviu de base para a tese de doutorado defendida na mesma instituição sob o mesmo título.

O ponto de vista dos homeopatas foi investigado, ainda que parcialmente, no estudo que resultou na dissertação de mestrado *O Perfil do Médico Homeopata*. Através dele foi possível detectar que o médico homeopata se considera mais satisfeito com a qualidade da relação médico-paciente, revestida de mais confiança; se sente mais autônomo no exercício profissional, pois a racionalidade homeopática o conduz a uma prática que amplia o valor da história clínica, reduzindo o valor da tecnologia para o diagnóstico. Mas, se por um lado essa prática promove um encontro de expectativas entre médicos e pacientes, gerando satisfação em ambos, por outro, a sua relação com os outros profissionais de saúde e as estruturas de assistência médica são conflituosas. Na rede pública os homeopatas se queixam de que mesmo optando pela especialidade não dispõem das mesmas condições oferecidas a outras especialidades, precisando praticamente estruturar o serviço e divulgá-lo. Os concursos são muito raros, assim como a distribuição de medicamentos.

Na relação com os outros médicos os homeopatas relataram que as restrições à sua especialidade nem sempre são explícitas, pois muitos mantêm uma relação cordial com os homeopatas, mas não reconhecem a homeopatia como uma especialidade. Ainda é frequente se referirem à homeopatia como uma prática alternativa, ligada ao curandeirismo, água com açúcar. Outros a consideram eficaz, mas restringem sua possibilidade de ação às alergias e doenças psicossomáticas sem gravidade. Para os homeopatas entrevistados a grande dificuldade na relação com seus pares reside na falta de conhecimento sobre homeopatia.

É possível afirmar, portanto, que a **autonomia** percebida no exercício da clínica homeopática se depara com aspectos que se inscrevem no seu campo de atuação, em que se fazem presentes intermediários ou engrenagens de mercado capazes de alterar o domínio desta autonomia, restringindo-se sobretudo aquela mercantil, da captação da clientela com base na rede de indicações e de confiança, o que ocorre por consequência a elementos que reorientam e reestruturam o mercado, tais como as políticas de estado, o setor privado de prestação de serviço, a organização da clientela em coletivos dados, entre outros fatores que estarão presentes no campo de trabalho de todas as especialidades. (Machado, 1995; Schraiber, 1993 e 1997).

Apresento agora os resultados de um estudo que buscou compreender esse mesmo movimento de aproximação e oposição entre a Homeopatia e a Biomedicina do ponto de vista dos não homeopatas. Para tal escolhi ouvir não aqueles que se colocam em oposição franca à homeopatia, pois seus discursos apresentariam argumentos que vêm se repetindo na história de lutas entre essas duas medicinas, a opção foi ouvir aqueles que se mantiveram fiéis à sua racionalidade médica (biomedicina), mas se aproximaram de uma outra (homeopatia), para conhecer, através dos relatos dessas experiências, as outras formas de oposição que poderiam estar se apresentando no interior desse acolhimento. Essa escolha se mostrou acertada, conquanto pôde revelar as oposições mais veladas, observadas como resistências e não mais como confronto. Apontou também alguns comportamentos dos homeopatas que, mesmo sendo reiterados, não haviam sido antes percebidos. Esses resultados confirmaram o enunciado de Bourdieu: “todo sociólogo teria interesse em ouvir seus adversários, na medida em que estes têm interesse em ver o que ele não vê, os limites da sua visão, que por definição lhe escapam” (Bourdieu 1990).

## **2.Desenho da pesquisa**

Tendo por objetivo construir uma imagem que pudesse informar como se encontra nos dias atuais o campo científico, mais especificamente o campo médico nas suas relações

de oposição e aceitação do saber e prática homeopáticos, foram escolhidos para sujeitos da pesquisa médicos não homeopatas que ofereceram algum indício, em suas atividades profissionais, que representasse uma aproximação com a Homeopatia. Considerando as noções de campo de Bourdieu reconhecemos a medicina como um campo estruturado, com lugares ocupados por sujeitos que detêm diferentes níveis de poder dentro da estrutura decisória de políticas – formuladores ou executores, e também dentro da estrutura científica – homens que fazem ciência ou que a utilizam em seu cotidiano (docentes e agentes da prática), configurando diferentes posições de poder político, cultural e de prática. Estas diferentes posições constituíram um dos critérios da escolha dos entrevistados, pois se buscou conhecer as representações formuladas por médicos da clínica, pesquisadores, docentes e gestores.

A homeopatia com a qual estes agentes entram em contato, na verdade, pode assumir diferentes feições e essa falta de uniformidade é um fator limitante do estudo, pois restringe a generalização das observações e análises. Assim sendo, a escolha das instituições, sejam acadêmicas, sejam de prestação de assistência médica, também foi alvo de procedimento de escolha.

### 3. Locais da pesquisa

Os quadros a seguir apontam os locais onde foram realizadas entrevistas, demonstrando que as principais faculdades de medicina do país onde ocorrem atividades homeopáticas foram investigadas, assim como os municípios com a maior produção ambulatorial de consultas homeopáticas em 2003.

Quadro 1: Faculdades de medicina segundo o tipo de atividade homeopática que desenvolvem (2005).

Residência médica e disciplinas obrigatórias	Disciplina optativa, ambulatório e pesquisa	Disciplina optativa e ambulatório	Disciplina optativa	Conteúdos em outras disciplinas	Liga de Homeopatia	Curso de especialização em homeopatia
<b>UNIRIO</b>	<b>USP</b>	<b>UFPB</b>	<b>UFU</b>	UnB	<b>Unicamp</b>	<b>FMJ</b>
	<b>Unifesp</b>	<b>UFPE</b>	UFRN	Unaerp	Unaerp	
	<b>UFF</b>	UMC	UEA		Unifesp	
		FEPAR	FURB			
			FM ABC			

- **Em negrito as instituições que foram investigadas no presente estudo**

Quadro 2: Produção Ambulatorial SUS Brasil

Qtd. Aprovada por Ano/Mês competência segundo Município  
 Proced.após 10/99: 0701219-CONSULTA EM HOMEOPATIA  
**Período:** Jan-Nov/2003

Município	Total (Janeiro a novembro 2003)
Rio de Janeiro	53941
São Paulo	30239
Vitória	14414

Brasília	10820
Dourados	9776
Juiz de Fora	8912

Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações Ambulatoriais do SUS (SIA/SUS)

Nesses locais foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com:

- . docentes e pesquisadores (médicos) – 20
- . gestores (15 médicos e dois odontólogos) – 17
- . médicos que atendem no SUS- 12

#### **4. Resultados**

Serão apresentadas aqui algumas reflexões que surgiram da análise temática das entrevistas de docentes, gestores e médicos da rede que considerei serem as contribuições mais relevantes desse trabalho ao debate sobre os rumos do processo de institucionalização da homeopatia.

##### **A homeopatia e a crise da biomedicina: uma relação dialética**

Os limites da biomedicina têm sido percebidos não apenas em sua dimensão terapêutica, mas também na sua capacidade de explicar o indivíduo e as necessidades que ele traz aos serviços de saúde. As concepções unicasais ou mesmo multicasais, ainda subordinadas ao biológico, não conseguem atender à freqüente demanda de atenção para problemas funcionais, difusos, que envolvem o sutil e não podem ser diagnosticados clinicamente na razão biomédica. As conseqüências dessas constatações promoveram transformações no ensino médico, que foi para além dos hospitais, em direção à comunidade, e na atenção primária, onde o profissional se deparou com grandes dificuldades tal qual mencionado pelos entrevistados. Na assistência à saúde, esse movimento transformador levou a que as intervenções, antes de caráter higienista e relacionados à educação sanitária passassem a ter como perspectiva a promoção da saúde, através da atenção interdisciplinar ao indivíduo e à coletividade.

Como ressaltaram alguns entrevistados, a crise transformadora, na medicina, foi um elemento facilitador para a presença da homeopatia no campo da saúde. Suas falas confirmam que o que se chama crise da saúde significa muitas situações críticas diferentes: do saber clínico, do modelo assistencial, da profissão médica e também do paradigma das ciências que estão na base da biomedicina (Ayres 2001). Reafirmam, assim, alguns estudos que descreveram a relação entre essa crise e o incremento das medicinas não convencionais (Queiroz 2000, Ibanez e Marsiglia 2000, Barros 1997, Madel 2000, Jones 2004).

Mas os achados da presente investigação apontam que a homeopatia não é, hoje, apenas beneficiária da crise da biomedicina. Ela também é responsável por agregar a esse processo alguns ingredientes que fomentam a crise porque promovem reflexões que levam a questionamentos paradigmáticos e servem de referência para que alguns profissionais explicitem sua insatisfação com o modelo biomédico em que operam. As entrevistas realizadas demonstram que os profissionais da saúde valorizam a prática homeopática por algumas características que observam nela e que a aproximam do seu ideal de boa prática médica. Embora declarem desconhecer a forma como ela opera e, principalmente, os princípios que a fundamentam, suas falas indicam que aquilo que valorizam é exatamente o que caracteriza e diferencia uma medicina de outra. É possível

perceber que as motivações para uma aproximação com a homeopatia trazem, paralelamente, críticas a alguns pilares da racionalidade biomédica.

Os argumentos que esse estudo dispõe para essa afirmação estão contidos nas intrincadas articulações dos entrevistados ao descrever suas razões para indicar ou apoiar a homeopatia. Esses argumentos se desenvolvem de forma mais densa em torno de duas idéias principais: uma medicina que recupera a face humanística da profissão e uma medicina que possui uma abordagem integral do indivíduo. A esses dois atributos os entrevistados associam a potencialidade de tratar o que “está por trás dos sintomas”, promovendo um equilíbrio do indivíduo, o que promoveria melhoras mais prolongadas, evitando a recorrência de sintomas. Vislumbram ainda a possibilidade de atuar em adoecimentos não orgânicos, funcionais, ou que não se enquadram na nosografia clássica.

Portanto não se trata apenas de valorizar o homeopata porque ele consegue estabelecer uma melhor relação médico-paciente, redução que tem sido freqüente nas discussões sobre o aumento da procura das medicinas não convencionais. Os profissionais da saúde vão além, na avaliação da prática homeopática que observam no seu cotidiano de trabalho, e seus argumentos em favor dessa aproximação trazem, embutidas, duas percepções críticas relativamente à medicina que exercitam em seus cotidianos: o conflito entre o conhecimento biomédico de base científica e as necessidades práticas de solução de casos clínicos; o conflito entre o valor dos meios tecnológicos como forma materializada do conhecimento científico em suas práticas e o valor da história clínica e do sujeito, seu paciente, com suas singularidades e, por vezes, desacordos com os achados dos meios tecnológicos.

Já tem sido bastante propagada a qualidade e o valor atribuído à relação médico-paciente na prática homeopática, em oposição à cisão percebida no agir clínico da biomedicina. Os entrevistados ressaltam esse aspecto, atribuindo à homeopatia a possibilidade de resgatar a dimensão humanística da prática médica. Ela o faz porque em lugar de se apoiar na tecnologia dos exames complementares oferece aos pacientes uma escuta atenta e não direcionada, oferecendo um espaço propício para que afluam as reflexões e necessidades individuais, além dos sintomas da doença.

E, finalmente, o próprio apoio que dão a uma medicina que eles reconhecem ter dificuldades para explicar cientificamente seus resultados, demonstra que eles caminham na direção oposta da biomedicina, pois enquanto eles priorizam o saber proveniente da práxis, sua medicina prioriza o saber proveniente da ciência. São, portanto, essas diferentes negações de aspectos fundamentais da racionalidade médica moderna que demonstram parte da crítica contida nas falas desses entrevistados.

### **Ideologia ocupacional e conflito ético: buscando “alternativas”**

Os médicos da rede, reconhecendo a inadequação da abordagem biomédica e os limites da sua terapêutica, para muitas situações que se apresentam na atenção primária, encaminharam os pacientes para a homeopatia porque, nesta outra forma de encontro clínico, a qual apenas vislumbram, mas não conseguem praticar ou conhecer em profundidade, acreditaram que possa estar a ajuda que seus pacientes necessitam. Os gestores, desejando oferecer à população usuária do SUS a possibilidade de acesso a essa boa medicina que melhoraria a satisfação da clientela e implica, ainda, em baixo custo, pensam na perspectiva de ampliar a cobertura do sistema e atender a uma série de adoecimentos para os quais não dispõem de outros recursos terapêuticos adequados. Os docentes desejaram que a homeopatia fosse ensinada nas escolas para ajudar a ampliar a

visão desses futuros médicos, numa tentativa de escapar dos limites impostos por uma formação ainda de base biomédica que já não atende às necessidades vivenciadas pelos profissionais na prática. Perceberam nesse caminho uma forma de resgatar, para a profissão médica, a sua face humanística, pois ela reataria os laços de confiança necessários entre médico e pacientes. Até mesmo na pesquisa, a introdução de elementos próprios à racionalidade homeopática, difíceis de serem mensurados, induzindo a reflexões para o desenho de modelos investigativos mais amplos, de formato menos cartesiano, foram valorizados e desejados, pelo desafio que impõem a um campo onde a descoberta do novo é extremamente valorizada.

Portanto a homeopatia é reconhecida por seu potencial transformador, num campo em crise. Não conseguir cumprir a antiga imagem de profissional liberal, de que construiu a ideologia ocupacional da função que desempenha, leva esse profissional à insatisfação e a um dilema ético, e uma das formas de reagir a esse dilema seria apoiando uma outra forma de proceder que se aproxima desse ideal de boa prática que ele está impossibilitado de fazer cumprir. O conflito ético do profissional médico no cotidiano de sua prática (Schraiber 1997), no caso dos profissionais entrevistados, os levou à aproximação com um outro saber e prática.

### **Isolamento dos homeopatas, prejuízo para a homeopatia**

A falta de conhecimento dos profissionais de saúde sobre a homeopatia é fato conhecido no Brasil e também em outros países. Os entrevistados atribuem esse desconhecimento à falta de uma política de institucionalização capaz de prever atividades de sensibilização e educação em homeopatia para profissionais e usuários sinalizando a condição de saber não hegemônico, que resulta em não dispor das mesmas condições estruturais (recursos humanos, materiais e econômicos) para fazer frente a essa falta de conhecimentos. Mas ganha destaque, no conjunto das entrevistas, um outro elemento de dificuldade que denominamos isolamento, mas que foi referido como “um certo acanhamento dos homeopatas diante dos seus pares”, ou “ falta de força reivindicatória dos homeopatas” e também uma “indisposição dos homeopatas para conversar sobre sua prática com outros profissionais de saúde”.

Poderíamos tentar entender essa dificuldade na relação com seus pares recorrendo à histórica oposição sofrida pelos homeopatas, como justificativa para a sua reclusão, mas essa “exibição da exclusão” como forma de contestar a competência dos dominantes e garantir sua própria cientificidade (Bourdieu 1983), se já foi útil em outros momentos, não é mais suficiente para explicar a situação atual, pois agora os próprios homeopatas reconhecem a academia como um local de comprovação de competências. Estamos falando de médicos que em suas entrevistas afirmaram que gostariam de obter maiores informações sobre os procedimentos da prática homeopática, pois acreditam que esse conhecimento seria essencial para que pudessem trabalhar de forma integrada com os homeopatas, dando suporte e orientação aos pacientes quando necessário. Eles se queixam da falta de divulgação da cultura homeopática e os resultados que obtivemos quando indagamos dos entrevistados sobre seu conhecimento da homeopatia expressam essa carência.

Alguns declararam não conhecer nada da homeopatia. E outros, através de suas respostas demonstraram que seu conhecimento sobre homeopatia se restringe a alguns “princípios” homeopáticos mais conhecidos, como: a ultradiluição, a anamnese mais detalhada que valoriza todo tipo de sintoma e a cura pelo semelhante. Algumas concepções sobre a homeopatia foram freqüentemente citadas, tais como: a homeopatia é como uma

psicoterapia, uma psicanálise da parte física, trata a parte psíquica, busca o interior da pessoa para tratar os problemas psicológicos, age muito na nossa psique, é diagnóstico baseado no mental; ou então, a homeopatia está voltada para quadros crônicos, é boa para doenças crônicas e quadros alérgicos, tratamento prolongado que não vai tratar emergência.

E algumas expressões usadas para entender a homeopatia foram emprestadas de outros campos, como “a coisa do campo morfogenético, o entendimento da energia gerada pelo espaço molecular criada no líquido lá que se faz as diluições...”.

Esses dados indicam que alguns dos elementos conceituais da homeopatia estão se tornando conhecidos nesse processo, mas ainda falta muito para que a homeopatia se torne conhecida como um sistema médico completo, uma certa racionalidade médica, pelos profissionais do campo da saúde, mesmo por aqueles que interagem com ela. Algumas noções bastante comuns entre os leigos também aparecem entre os profissionais, e delas resulta, com muita ênfase, a visão da homeopatia com limites muito estreitos de atuação. Os próprios entrevistados relataram, o que já foi apontado na análise temática, que o desconhecimento faz com que a homeopatia seja sub-utilizada, alertando que, sem uma grande mobilização dos homeopatas para mudar a cultura médica em geral a respeito da homeopatia, será muito difícil que ela conquiste outros espaços que não o da medicina para eventos banais.

A partir da constatação de que:

1. já está estabelecido um processo de institucionalização da homeopatia, tendo como perspectiva a complementaridade na assistência médica.
2. essa perspectiva tem sido aceita também pelos homeopatas, o que eles demonstram quando deixam de lado as atitudes “radicais” de outras épocas, admitindo a utilização pelos pacientes de outros recursos terapêuticos quando forem necessários
3. a dimensão da medicina homeopática e a abrangência de sua atuação serão definidas dentro dos limites que os homeopatas tornarem conhecidos, pode-se afirmar que a perspectiva de enfrentar essa tarefa expõe uma das grandes dificuldades internas ao campo homeopático: a falta de consensos, seja de linguagem como de procedimentos. Um interessante artigo de um homeopata francês já expôs de forma bastante veemente esse problema afirmando que esses

*dados traduzem a ignorância em que a comunidade científica se mantém em relação a nós, demonstrando a fragilidade do estatuto da homeopatia pelo mundo. Nosso objetivo deve ser conseguir estabelecer o diálogo com a ciência em geral e suas diferentes disciplinas em particular e, evidentemente, não de modo absoluto ou exclusivo, com a medicina moderna. Para que isso ocorra, não basta pedir timidamente que se leve em conta os nossos desideratos, especificidades e convicções. Precisamos refinar, criar e construir verdadeiros conceitos, a partir daquilo que no momento são apenas vagas intuições, fórmulas duvidosas e aproximações desconcertantes. Esses conceitos serão nossas ferramentas, nossas armas e nossos arautos. Se bem definidos, não poderão mais ser ignorados pelos homens da ciência e serão nosso cavalo de tróia para entrar na cidadela científica (Marchat 1996).*

Ele atribui a um certo visgo de linguagem a dificuldade dos homeopatas em se dirigir positivamente a outros. E aqui é preciso uma ressalva de que a questão não é modificar a linguagem homeopática, mas de esclarecer os seus conceitos, suas leis, seus procedimentos. Isso precisa ser construído e validado coletivamente, é uma tarefa enorme que não pode ser adiada, pois não há diálogo possível se a própria linguagem ainda não está clara. Uma etapa desse processo pode estar em andamento com o Projeto Competências do

Médico Homeopata<sup>2</sup>, que prevê algumas dessas definições. Esse é apenas um passo inicial para muitas outras atividades necessárias para a divulgação da homeopatia, como solicitaram os entrevistados.

### Referências

- Abib JAD. Reflexões sobre o espírito científico e a lógica da falsificação e confirmação de hipóteses *Revista de Homeopatia*, 1996; vol.61.nos.1-2: 3-6.
- Ayres JRC. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciênc. saúde coletiva*. 2001;vol.6,no.1: 63-72.
- Barros NF. *Médicos em crise e em opção: uma análise das práticas não biomédicas em Campinas*. [dissertação]. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas; 1997.
- Bourdieu P. O campo científico. In: Ortiz R, org. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática; 1983. p.123-55.
- Bourdieu P. *Coisas ditas*. Trad. Cássia Silveira e Denize Pegorin. São Paulo: Ed. Brasiliense; 1990
- Bourdieu P. *Os usos sociais da ciência Por uma sociologia do campo científico* Tradução de Denice Bárbara Catani. São Paulo: Editora Unesp; 2004.
- Calderon C Medicos homeopatas y medicos atencion primaria: como se vem y como vem a sus pacientes. *Aten primaria*. 1998; 21(6); 367-75.
- Cant S and Sharma U. Demarcation and transformation within homeopathic knowledge.A strategy of professionalization. *Soc. Sci. Med*. 1996; vol.42 n<sup>o</sup>4; 579-88.
- Estrela WL Aula magna proferida no Instituto de Cultura Homeopática, São Paulo, mar 2006
- Fortes L. A homeopatia brasileira e suas particularidades em nivel internacional. 2002; no.4: 127-30
- Frank R. Integrating homeopathy and biomedicine: medical practice and knowledge production among German homeopathic physicians. *Sociology of Health & Illness*. 2002; vol.24 no.6: 796-819
- Freidson E *Profession of medicine A study of the sociology if applied knowledge*. Dodd, Mead & Company, 1972.
- Ibanez e Marsiglia Medicina e saúde: um enfoque histórico. In: Canesqui AM, *Ciências sociais e saúde para o ensino médico*. São Paulo: Hucitec: 2000. p. 49-73.
- Jones RK Schism and heresy in the development of orthodox medicine: The threat to medical hegemony. *Social Science and Medicine*. 2004; 58:703-12
- Luz MT Medicina e racionalidades médicas:estudo comparativo da medicina ocidental contemporânea, homeopática, tradicional chinesa e ayurvedica. In: Canesqui AM, *Ciências sociais e saúde para o ensino médico*. São Paulo: Hucitec: 2000. p. 181-199.
- Luz MT *A arte de curar versus a ciência das doenças* São Paulo: Dynamis Editorial; 1996.

---

<sup>2</sup> Salles SAC (Comissão de Educação da AMHB). Projeto Competências do Médico Homeopata, (Apresentado como participação na mesa redonda A formação do médico homeopata: um projeto coletivo para a qualificação do profissional no XXVII Congresso Brasileiro de Homeopatia; 2004; Brasília.)

- Luz MT *Natural Racional Social Razão Médica e Racionalidade Científica Moderna*. Rio de Janeiro: Campus; 1988
- Mageste RE Machado VL, Novaes AR, Figueiredo TM, Representações da homeopatia entre médicos alopatas de Vitória ES, Anais do XXIV CBH, Gramado, 29-10 –2-11 1998.
- Marchat P. Pensar a Homeopatia: um novo eixo de desenvolvimento e pesquisa. *Revista de Homeopatia*. 1996; v.61, nos.1-2:66-71.
- Mendes-Gonçalves RB *Tecnologia e Organização Social das Práticas de Saúde: características do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo*, São Paulo: Hucitec – Abrasco; 1994
- Micozzi MS Culture, anthropology and the return of “Complementary Medicine”. *Medical Anthropology Quarterly*. 2002; v.16 n.4: 398-403
- Queiroz M. O itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais de saúde. *Cad Saúde Pública*; abr/jun 2000. v.16 n.2: 363-75
- Salles SAC *O perfil do médico homeopata* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2001.
- Schraiber, LB. *O médico e seu trabalho. Limites da liberdade*, São Paulo, Hucitec, 1993.
- Schraiber, LB. O trabalho médico: questões acerca da autonomia profissional. *Cad. Saúde Pública*. 1995; v.11 n.1.:57-64.
- .Schraiber, LB. *Medicina tecnológica e prática profissional contemporânea: novos desafios, outros dilemas*. [tese livre-docência]. São Paulo: Faculdade de Medicina USP; 1997
- Schraiber LB e Mendes-Gonçalves RB. Necessidades de saúde e atenção primária. In: Schraiber LB, Nemes MIB, Mendes-Gonçalves. *Saúde do adulto Programas e ações na unidade básica*. Segunda edição. São Paulo: 2000. 29-47.
- .Souza RR, Figueiredo TAM, Machado VLT A homeopatia na enfermagem: saberes e práticas, XXVII CBH Brasília, 1-6 nov 2004.
- Teixeira, MZ Homeopatia, desinformação e preconceito Anais do VIII Encontro Internacional de Pesquisas Institucionais em Homeopatia, São Paulo. 2004.